



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA
BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

MOISÉS DA SILVA CAVALCANTI

RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: RELATO DE CASO DA
PREVALÊNCIA DE ÁCAROS EM AVES DO PARQUE
ESTADUAL DOIS IRMÃOS (PEDI) RECIFE-PE



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA
BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

MOISÉS DA SILVA CAVALCANTI

RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: RELATO DE CASO DA
PREVALÊNCIA DE ÁCAROS EM AVES DO PARQUE ESTADUAL
DOIS IRMÃOS (PEDI) RECIFE-PE

Relatório de estágio supervisionado obrigatório realizado como encargo para obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária, sob orientação da Profa. Dr^a Mércia Rodrigues Barros, co-orientação da médica veterinária Roberta Rosalie Nascimento e Silva e sob supervisão da médica veterinária Mariana Leão Tavares De Melo

C377r Cavalcanti, Moises da Silva.

Relatório final de atividades do estágio supervisionado obrigatório: relato de caso da prevalência de ácaros em aves do Parque Estadual dois Irmãos (PEDI) Recife-PE / Moises da Silva Cavalcanti. - Recife, 2026.

41 f.

Orientador(a): Mércia Rodrigues Barros.

Co-orientador(a): Roberta Rosalie Nascimento.

Co-orientador(a): Mariana Leão Tavares De Melo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Medicina Veterinária, Recife, BR-PE, 2022.

Inclui referências.

1. Aves silvestres. 2. Ectoparasitas. 3. Ácaros de penas. 4. Aves - Manejo I. Barros, Mércia Rodrigues, orient. II. Nascimento, Roberta Rosalie, coorient. III. Melo, Mariana Leão Tavares De, coorient. IV. Título

CDD 636.089



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA

RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: RELATO DE CASO DA
PREVALÊNCIA DE ÁCAROS EM AVES DO PARQUE
ESTADUAL DOIS IRMÃOS (PEDI) RECIFE-PE

Relatório elaborado por Moisés da Silva Cavalcanti, aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. MERCIA RODRIGUES BARROS DEPARTAMENTO DE
MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRPE

Msc. MARIA CLARA FEITOSA DE ALBUQUERQUE

Médica Vet. - MARIANA LEÃO TAVARES DE MELO, PARQUE ESTADUAL
DOIS IRMÃOS

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, que me manteve firme na fé.

À minha esposa, Clarissa Rocha, pelo apoio aos meus estudos e por ser meu porto seguro. Aos meus filhos, Gabriella Stephany e Ícaro Gabriel, e aos meus enteados, Cecília Rocha e Túlio Rocha, por se fazerem sempre presentes em todos os momentos da minha vida.

À Coordenação do Parque Estadual Dois Irmãos, por conceder o desenvolvimento do meu Estágio Supervisionado (ESO).

À minha orientadora, professora Dra. Mércia Barros, pela dedicação e atenção com que me norteou para que este trabalho se concretizasse.

À minha supervisora, Mariana Leão, e à minha coorientadora, Roberta Rosalie, por todo o apoio e tempo dedicados.

A todos os funcionários do parque que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento do ESO — vigilantes, tratadores, zeladores e biólogos.

Aos professores do Departamento de Medicina Veterinária (DMV) da UFRPE, que foram verdadeiros heróis, com sua paciência e perseverança, para que todos alcançassem o conhecimento em suas aulas.

Obrigado a todos!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrada do Parque Estadual Dois Irmãos

Figura 2 - Mapa do zoológico do Parque Estadual Dois Irmãos

Figura 3 - Tratamento oftalmológico em *Tapirus terrestris*

Figura 4 - Tratamento periodontal em *Tapirus terrestris*

Figura 5 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Ara chloropterus*

Figura 6 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Caracara plancus*

Figura 7 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Ara macao*

Figura 8 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Crax fasciolata*

Figura 9 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Amazona aestiva*

Figura 10 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Ara ararauna*

Figura 11 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Asio clamator*

Figura 12 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Guaruba guarouba*

Figura 13 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Primolius auricollis*

Figura 14 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Geranoaetus melanoleucus*

Figura 15 - Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Eupsittula cactorum*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPRH - Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos (nome antigo)
Agência Estadual de Meio Ambiente de Pernambuco (atual)
DVB - Divisão de Veterinária e Biologia
CETRAS - Centro de Resgate e Reabilitação de Animais Silvestres
ESO - Estágio Supervisionado Obrigatório
FMVZ - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
LDA - Laboratório de Diagnóstico Animal
PEDI - Parque Estadual Dois Irmãos
POP - Procedimento Operacional Padrão
SISBIO - Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade
SEMAS/PE - Secretaria de Meio Ambiente, Sustentabilidade e de Fernando de Noronha do Governo do Estado de Pernambuco
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UC - Unidade de Conservação
UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO

O Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) é uma disciplina obrigatória do 11º período letivo do curso de bacharelado em Medicina Veterinária do Departamento de Medicina Veterinária (DMV) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Consiste na vivência de 420 horas em práticas veterinárias, com o objetivo de promover a completa formação do profissional Médico Veterinário. Este relatório de estágio é produto da finalização do ESO onde são descritas as atividades desenvolvidas pelo discente sob orientação da Profa. Mércia Rodrigues Barros, durante o período de 01 de setembro até o dia 12 de dezembro de 2025. O ESO teve as atividades realizadas no Parque Estadual Dois Irmãos (PEDI) em Pernambuco sob supervisão da médica veterinária Mariana Leão Tavares de Melo. As vivências permitiram novos conhecimentos e aprimoramentos na área de medicina de animais silvestres, nas áreas de clínica médica, fisioterapia, nutrição, terapias integrativas.

Palavras-chaves: Estágio supervisionado obrigatório, Parque Estadual Dois Irmãos, medicina de animais silvestres

ABSTRACT

The Mandatory Supervised Internship (MSI) is a mandatory subject in the 11th semester of the Bachelor's degree in Veterinary Medicine at the Department of Veterinary Medicine (DMV) of the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE). It consists of 420 hours of experience in veterinary practices, with the aim of promoting the complete training of the veterinary medical professional. This internship report is the product of the completion of the ESO, where the activities developed by the student under the guidance of Prof. Mercia Rodrigues Barros are described, during the period from September 1st to December 12th in 2025. The ESO activities were carried out at the Dois Irmãos State Park (PEDI) in Pernambuco under the supervision of veterinarian Mariana Leão Tavares de Melo. The experiences allowed for new knowledge and improvements in the area of wildlife medicine, in the areas of clinical medicine, physiatry, nutrition, and integrative therapies.

Keywords: Mandatory supervised internship, Dois Irmãos State Park, wildlife medicine.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Parque Estadual Dois Irmãos (PEDI).....	10
1.2 Descrição das atividades desenvolvidas no PEDI.....	13
1.3 Setor Internamento	13
1.4 Setor de Aves e Pequenos Mamíferos.	14
1.5 Setor de Répteis.	15
1.6 Setor de Grandes Mamíferos.	15
2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	22
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
3. RELATO DE CASO	36
Resumo	36
Abstract	37
1. Introdução	38
2. Materiais e método.....	39
2.1 Materiais utilizados.	39
2.2 Metodologia.	40
3. Resultados e discussão.	40
4. Conclusão.....	45
5. Referências.....	46

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) compreende o total de 420 horas e é realizado no último período do curso de bacharelado em medicina veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). É nesta etapa em que o discente pode escolher um local e uma área dentro da medicina veterinária em que possui uma maior afinidade, de forma que além de associar os conhecimentos teóricos com os práticos, possa o seguir profissionalmente após a conclusão do curso.

Este relatório visa descrever as atividades realizadas pelo discente Moisés da Silva Cavalcanti sob orientação da Profa. Dr^a Mércia de Rodrigues Barros, vivenciado no Parque Estadual Dois Irmãos (PEDI) em Pernambuco sob supervisão da médica veterinária Mariana Leão Tavares de Melo, no período de 01 de setembro a 12 de dezembro de 2025.

A escolha do local teve como objetivo ampliar o aprendizado na área de medicina de animais silvestres, sua proximidade com a UFRPE e por ser uma Unidade de Conservação da Mata Atlântica.

Na instituição foram realizadas atividades direcionadas à medicina de animais silvestres, e como trabalho de conclusão de curso (TCC) foi realizado um relato de caso sobre a prevalência de ácaros em aves em exibição no PEDI intitulado “Análise da prevalência de ácaros em aves no Parque Estadual Dois Irmãos (PEDI) Recife-PE.”

1.1 Parque Estadual Dois Irmãos (PEDI)

O Parque Estadual Dois Irmãos fica localizado no bairro de Dois Irmãos na cidade do Recife-PE, abrange uma área de 1.158 hectares de Mata Atlântica e abriga o zoológico que ocupa cerca de 14 hectares desta área. O PEDI integra uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral no município do Recife, ou seja, são aquelas que mantêm livres os ecossistemas das alterações antrópicas, admitindo apenas o uso indireto (CPRH, 2009), e juntamente com o zoológico são administrados pela Secretaria de Meio Ambiente, Sustentabilidade e de Fernando de Noronha do Governo do Estado de Pernambuco (SEMAS/PE).

O PEDI, (Imagem 1) foi criado como Reserva Ecológica em 1987 (Plano de Manejo, 2014) e categorizado como Parque Estadual em 1998 pela Lei Estadual nº 11.622, de 29 de dezembro de 1998 (Pernambuco, 1998). Atualmente, segundo o último levantamento da equipe técnica do parque em 2025 (Informação verbal e comprovada através dos registros dos animais do parque e número dos microchips dos animais), representa o lar de um total de animais entre 400 e 430 indivíduos, sob cuidados humanos. Os animais são distribuídos nos seguintes setores: Répteis, aves, primatas, pequenos e grandes mamíferos (Figura 1). Animais que fazem parte UC são atendidos pela equipe técnica do zoológico. Os animais silvestres não pertencentes ao entorno do PEDI são encaminhados para o Centro de Resgate e Reabilitação de Animais Silvestres - CETRAS.

Figura 1. Entrada do Parque Estadual Dois Irmãos



Fonte: Arquivo Pessoal (2025)

O parque é organizado por setores que se subdividem em administração, divisão de veterinária e biologia (DVB), divisão de nutrição animal (DNA), centro de educação ambiental (CEA). No setor DVB podemos encontrar, biotério, ambiente de quarentena, setor extra, ambulatório, internamento, uma equipe de três médicos veterinários, sete biólogos, 12 tratadores, além de estagiários de

Medicina Veterinária e de estagiários de Biologia. O PEDI possui uma diversidade de profissionais como zootecnistas, manipuladores de alimentos, engenheiros civis, engenheiro florestal, arquitetos, motoristas, seguranças, geólogos, publicitários, administradores, serviços gerais e outros. Além disso, contam com o suporte de voluntários.

O ESO foi realizado na DVB, representado no mapa como hospital (Figura 2), que é a divisão responsável por toda parte de cuidados de manejo com os animais, incluindo acompanhamentos clínicos e comportamentais, planejamento e ambientação dos recintos, logística dos insumos utilizados no setor e controle do estoque de medicações. Para casos de emergência, realização de procedimentos veterinários de baixa complexidade e medicação. Em atendimento de média e alta complexidade e/ou exames complementares, como exames de sangue e imagem, são realizados em clínicas/hospitais parceiros do PEDI, como por exemplo, o hospital veterinário da UFRPE.

Figura 2. Mapa do zoológico do Parque Estadual Dois Irmãos



Fonte: SEMAS (2022)

1.2 Descrição das atividades desenvolvidas no PEDI

A rotina de atividades é baseada nas demandas mais constantes, como tratamento de pacientes com condições crônicas, protocolos de medicina preventiva e intensivas ou em demandas pontuais, com a execução de protocolos de manejo envolvendo cada uma dessas condições. Os atendimentos clínicos mais complexos ocorrem de forma imediata. Os manejos são programados de acordo com a demanda, necessidade, histórico e possíveis intercorrências.

Cada setor fica sob a responsabilidade de um Médico Veterinário e um Biólogo, sendo diariamente realizada a ronda em todo o parque e em caso de intercorrência, de natureza comportamental ou física, é repassado de imediato para os técnicos responsáveis para as devidas providências. Geralmente, os animais são encaminhados para o ambulatório quando há a necessidade de avaliações, medicação injetável, ou avaliação coletiva, manejo mais complexo e situações de emergência, entre outros casos.

O estágio foi desenvolvido nos setores do PEDI, o qual a médica veterinária supervisora e a co-orientadora são responsáveis como; o Internamento, setor de aves, de primatas, pequenos mamíferos e de grandes mamíferos. Durante o ESO optou-se por uma ênfase no setor de aves.

1.3 Setor de Internamento

Os animais no internamento em sua maioria são aqueles que passam por algum tratamento em longo prazo, e que necessitam de acompanhamento frequente ou cujos recintos de origem estão passando por manutenção, que estão em tratamento a curto prazo ou animais que ainda não estão aptos para irem para os recintos de exibição, bem como animais em quarentena. Também podem ser usados para o período de triagem de animais que cheguem novos ao PEDI.

1.4 Setor de Aves e Pequenos Mamíferos.

O setor de aves e pequenos mamíferos está sob a responsabilidade da supervisora Mariana Leão, a maioria desses animais estão em exposição ao

público, os acompanhamentos são feitos sob supervisão dos técnicos e tratadores responsáveis pelo setor que o animal faz parte, além de estagiários e voluntários.

O tratador do setor desempenha um trabalho de grande importância, com o seu acompanhamento diário, fornecimento da alimentação e observação do comportamento dos animais e sempre que os tratadores identificam alguma alteração no animal os técnicos são acionados.

As aves apresentam uma grande diversidade alimentar, o que está diretamente ligado à evolução, ao tipo de ambiente em que vivem e à forma do bico, que funciona como uma verdadeira ferramenta especializada. De modo geral, podemos classificá-las em alguns grupos principais:

- **Granívoras:** Alimentam-se principalmente de sementes e grãos (ex.: pombos e passeriformes).
- **Frugívoras:** Consomem frutos e têm papel essencial na dispersão de sementes (ex.: tucanos e araçaris).
- **Insetívoras:** Alimentam-se de insetos e ajudam no controle biológico de pragas.
- **Carnívoras:** Predadoras de pequenos vertebrados (ex.: aves de rapina como gaviões e corujas).
- **Nectarívoras:** Alimentam-se de néctar, sendo importantes polinizadoras (ex.: beija-flores).
- **Onívoras:** Apresentam dieta variada, combinando diferentes tipos de alimento (ex.: algumas garças e corvos).

Essa diversidade alimentar permite que as aves ocupem diferentes nichos ecológicos, reduzindo a competição entre espécies e contribuindo para o equilíbrio dos ecossistemas.

Os animais silvestres, assim como os domésticos, estão suscetíveis a diversas doenças que podem comprometer sua saúde, reprodução e longevidade. Essas enfermidades podem ter origem infecciosa, parasitária, nutricional ou ambiental, sendo o manejo adequado essencial para sua prevenção.

1.5 Setor de Répteis.

O setor de répteis possui uma grande variedade, com jabuti, cágados e ainda jacaré, serpentes e iguanas. Destes, o grupo de quelônios possui o maior número de indivíduos.

Com uma fisiologia complexa, uma grande resistência a doenças e poucos sintomas aparentes, os cuidados com os répteis apresentam uma dificuldade à parte.

Os répteis exigem cuidados específicos devido à sua fisiologia ectotérmica, metabolismo lento e alta sensibilidade às condições ambientais. Falhas no manejo, nutrição e sanidade podem resultar em diversas enfermidades como doenças infecciosas, parasitárias, metabólicas, nutricionais ou relacionadas ao manejo.

1.6 Setor de Grandes Mamíferos.

O setor possui animais como; *Tapirus terrestris* (anta), *Hippopotamus amphybius* (hipopótamo), *Tamandua tetradactyla* (tamanduá mirim), *Myrmecophaga tridactyla*, tamanduá bandeira entre outros. a veterinária responsável técnica por este setor, Mariana Leão, possui uma rotina de observação diária dos animais e acompanhamento dos tratamentos e exames de rotina, além de atendimentos de urgências que possam ocorrer.

Os grandes mamíferos, assim como todos os outros setores, demandam manejo especializado devido ao seu alto valor biológico, grande porte corporal e complexidade comportamental. A qualidade dos cuidados influencia diretamente a saúde física, psicológica e reprodutiva desses animais.

A partir destes acompanhamentos, os animais foram classificados em uma tabela de acordo com a classe, ordem, nome científico, nome comum, sexo, faixa etária e diagnóstico (Tabela 1).

Tabela 1: relação de animais acompanhados durante o estágio

CLASSE	ORDEM	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	FAIXA ETÁRIA	DIAGNÓSTICO
	Primatas	<i>Sapajus libidinosus</i>	Macaco prego da caatinga (12 animais)	variável	Medicina preventiva
		<i>Sapajus flavius</i>	Macaco prego galego (8 animais)	adulto	Medicina preventiva
		<i>Ateles chamek</i>	Macaco aranha da cara preta (2 animais)	adulto	Medicina preventiva
		<i>Ateles marginatus</i>	Macaco aranha da testa branca (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
		<i>Alouatta belzebul</i>	Macaco bugio de mãos ruivas (4 animais)	variável	Medicina preventiva
	Carnivora	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica (3 animais)	adulto	Acompanhamento pós cirúrgico/ castração
	Perissodactyla	<i>Tapirus terrestris</i>	Anta (1 animal)	senil	Tratamento oftálmico
		<i>Tapirus terrestris</i>	Anta (1 animal)	senil (óbito)	Tratamento odontológico
	Artiodactyla	<i>Hippopotamus amphibius</i>	Hipopótamo (1 animal)	adulto	Tratamento odontológico
	Pilosa	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá mirim (3)	juvenil	Medicina preventiva

animal)

Testudines	<i>Trachemys dorbigni</i>	Tartaruga tigre (8 animais)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Phrynops geoffroanus</i>	Cagado de barbela (3 animais)	adulto	Reparo de casco de 2 indivíduos e um medicina preventiva
	<i>Kinosternon scorpioides</i>	Muçuã (2 animais)	adulto	Medicina preventiva
Crocodylia	<i>Caiman latirostris</i>	Jacaré de papo amarelo (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	Jacaré paguá (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
Squamata	<i>Iguana iguana</i>	Iguana verde (3 animais)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Boa constrictor</i>	Jiboia (3 animais)	adulto	medicina preventiva
	<i>Epicrates cenchria</i>	Salamanta (2 animais)	adulto	Medicina preventiva
Galliformes	<i>Crax fasciolata</i>	Mutum de penacho (7 animais)	juvenil	Medicina preventiva
	<i>Pauxi mitu</i>	Mutum do nordeste (2 animais)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Pauxi tuberosa</i>	Mutum cavalo (1 animal)	adulto	Medicina preventiva

	<i>Aburria jacutinga</i>	jacutinga (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Pipile cujubi</i>	Cujupi (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
Psittaciformes	<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio verdadeiro (5 animais)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Amazona amazonica</i>	Papagaio do mangue (1 animal)	adulto	Medicina Preventiva
	<i>Amazona farinosa</i>	Papagaio moleiro (2 animais)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Ara ararauna</i>	Arara canindé (10 animais)	variável	Medicina preventiva
	<i>Ara chloropterus</i>	Arara vermelha (8 animais)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Ara macao</i>	Arara-canga (4 animal)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Ara glaucogularis</i>	Arara boliviana (1 animal)	adulto	Medicina Preventiva
	<i>Guaruba guarouba</i>	Ararajuba (15 animais)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Primolius auricollis</i>	Maracanã-de-colar (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Ara nobilis</i>	Maracanã nobre (16 animais)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Ara severus</i>	Maracanã guaçu (1	adulto	medicina preventiva

animal)

	<i>Eupsittula cactorum</i>	Jandaia-gangarra (3 animais)	adulto	Medicina preventiva
Accipitriformes	<i>Geranoaetus melanoleucus</i>	Águia chilena (2 animal)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Harpia harpyja</i>	Harpia (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Morphnus guianensis</i>	uiraçu falso (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião carijó (3 animal)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Buteo brachyurus</i>	gavião de cauda curta (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
Strigiformes	<i>Asio clamator</i>	Coruja orelhuda (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
	<i>Athene cunicularia</i>	coruja buraqueira (3 animais)	adulto	Medicina preventiva
Falconiformes	<i>Caracara plancus</i>	Carcará (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
Ramphastidae	<i>Ramphastos toco</i>	tucano (2 animais)	adulto	Medicina preventiva
Cariamiformes	<i>Cariama cristata</i>	siriema (2 animais)	adulto	Medicina preventiva
Struthionidae	<i>Struthio camelus</i>	avestruz (1 animal)	adulto	Medicina preventiva

Pelecaniformes	<i>Nycticorax nycticorax</i>	Savacu (1 animal)	adulto	Medicina preventiva
Columbiformes	<i>Zenaida auriculata</i>	arribaça (2 animais)	adulto	Medicina preventiva

Fonte: autor, 2025

Foram realizados o acompanhamento de 47 espécies e um total 161 animais, das seguintes Ordens; Primatas, Carnivora, Perissodactyla, Artiodactyla, Pilosa, Testudines, Crocodilia, Squamata, Galliformes, Psittaciformes, Accipitriformes, Strigiformes, Falconiformes, Ramphastidae, Cariamiformes, Struthionidae, Pelecaniforme e Columbiforme. A maioria sendo adultos, porém é possível encontrar indivíduos com idades variáveis, desde filhotes nascidos no PEDI como os filhotes de macacos pregos e senis como no caso da anta.

2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Nos setores citados anteriormente, destacam-se alguns tratamentos de maior frequência de acompanhamento, dentre eles:

- Tratamento oftálmico em *Tapirus terrestris* (Anta apelidada de Biu) senil: O animal foi diagnosticado com degeneração por depósito de cálcio em olho esquerdo, depressão no estroma com pequeno vaso associado, catarata em transição de incipiente para imatura bilateral caracterizada por fotofobia e epífora. Seu tratamento clínico consistiu em limpeza diária, BID com solução fisiológica a 0,9% e aplicação de pomada oftálmica à base de dexpanthenol 50 mg em ambos os olhos de forma contínua. O tratamento foi realizado sem intercorrência por ser um animal condicionado para manejo cooperativo, resultado de treinamentos regulares (figura 3)

figura 3: Tratamento oftalmológico em *Tapirus terrestris*



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- Tratamento periodontal em *Tapirus terrestris* (Anta apelidada de Antonio) senil: o animal diagnosticado com retração gengival, placas e tartaros em todos os dentes. Eritema gengival(hiperemia), alteração do contorno gengival, sensibilidade na área afetada. Seu tratamento clínico consiste em limpeza diária, BID com solução fisiológica a 0,9% e aplicação de enxaguante bucal com 0,12% de clorexidina na gengiva. O animal (Antonio) também apresenta comportamento condicionado (figura 4)

Figura 4: Tratamento periodontal em *Tapirus terrestris*



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- Com as Araras vermelhas, durante o acompanhamento diário foi

observado pequenas alterações na plumagem (falhas), alterações na consistência das fezes e sobras de alimentos. Com base na observação foi solicitada a coleta de fezes, penas e sangue de *Ara chloropterus* (arara vermelha) para exame laboratorial. Para coleta de sangue em aves a escolha do local foi a veia jugular, contenção adequada (asas, patas e cabeça, com cuidado para não machucar), uso de seringas de 1,0 ml, e acondicionamento correto, respeitando o volume máximo (geralmente 1% do peso corporal), a identificação detalhada e o transporte refrigerado (2-8°C) ou conforme orientação do laboratório para evitar garantir a qualidade da amostra para exames. Durante a coleta, o sangue foi adicionado aos tubos dos exames específicos (Azul (citrato), Vermelho/Amarelo (ativador de coágulo/gel), Verde (heparina), Roxo (EDTA) e Cinza (fluoreto)). As excretas foram coletadas de placas de aço colocadas embaixo dos boleiros das aves e com luvas de procedimento, evitando assim a contaminação. As amostras foram acondicionadas em potes específicos e preservadas na geladeira até a entrega ao laboratório. A coleta das penas foi realizada de plumas do peito e as amostras acondicionadas em sacos do tipo ziploc e estéreis.

Figura 5: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Ara chloropterus*



Fonte: Instagram do PEDl, (https://www.instagram.com/p/DPExKZQD9Sa/?img_index=1)

- Coleta de sangue e penas de *Caracara plancus* (Carcará). A coleta de sangue se faz necessária por vários motivos clínicos, principalmente para diagnóstico de doenças metabólicas, infecções, carência de vitaminas, monitoramento de saúde e tomada de decisões médicas, especialmente em animais em contextos zoológicos, ou parques, como neste caso. Entre os motivos clínicos e possíveis diagnósticos podemos citar; Permite verificar se a ave está clinicamente estável, mesmo quando não apresenta sinais externos de doença. O hemograma ajuda a identificar; anemia ou hemoconcentração, processos inflamatórios ou infecciosos e estresse fisiológico. Os exames bioquímicos indicam o funcionamento de órgãos vitais, como; fígado (AST, ALT, bile ácida). rins (ácido úrico), músculos (CK) e distúrbios metabólicos, nutricionais e eletrolíticos.

Figura 6: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Caracara plancus*



Fonte: Instagram do PEDI (<https://www.instagram.com/p/DPzf2nmER--/>)

- Seguindo o mesmo procedimento para a coleta de sangue e penas, anteriormente citados, foram incluídas as seguintes aves: *Ara macao* (araracanga) figura 7, *Crax fasciolata* (mutum de penacho) figura 8, *Amazona aestiva* (papagaio verdadeiro) figura 9, *Ara ararauna* (arara canindé) figura 10, *Asio clamator* (coruja orelhuda) figura 11, *Guaruba guarouba* (Ararajuba) figura 12, *Primolius auricollis* (maracanã de colar)

figura 13, *Geranoaetus melanoleucus* (águia chilena), figura 14 e *Eupsittula cactorum* (jandaia-gangarra), figura 15.

Figura 7: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Ara macao*

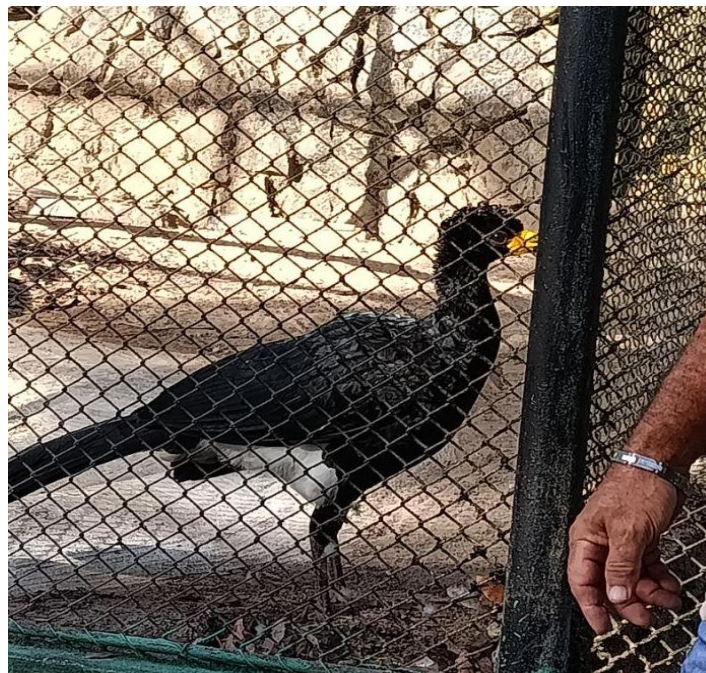


Fonte: Wikipédia (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Araracanga>)

- A *Ara macao* é uma espécie nativa das florestas tropicais da América Central e do Sul. No Brasil, ocorre principalmente na Região Amazônica, sendo associada a ambientes bem preservados. Seus principais habitats incluem: Florestas tropicais úmidas, florestas de terra firme, matas ciliares, bordas de florestas densas e áreas próximas a rios e igarapés. A alimentação apresenta dieta frugívora-granívora, baseada principalmente em recursos florestais. Na natureza, consome frutos maduros, sementes e castanhas duras, nozes, coquinhos de palmeiras, brotos, flores e ocasionalmente cascas. Um comportamento alimentar marcante é a geofagia (ingestão de argila), observada em algumas populações, que

auxilia na neutralização de toxinas vegetais e na suplementação de minerais. Essa espécie depende de árvores de grande porte para nidificação, utilizando ocos naturais, e costuma viver em pares ou pequenos bandos, podendo formar grupos maiores em áreas de alimentação.

Figura 8: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Crax fasciolata*

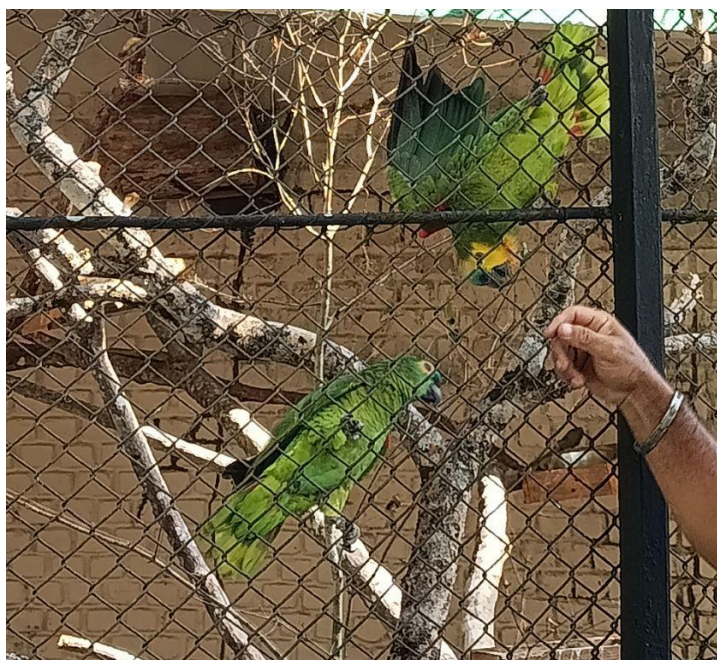


Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- O *Crax fasciolata* é uma ave nativa da América do Sul, com ampla distribuição no Brasil. Ocorre principalmente em: Florestas tropicais e subtropicais, florestas estacionais semidecíduais, matas ciliares, bordas de florestas e áreas próximas a rios. Prefere ambientes florestais bem conservados, com sub-bosque denso, sendo geralmente encontrado no solo ou em estratos baixos da vegetação. Apesar disso, utiliza árvores para descanso e nidificação. A espécie é sensível à fragmentação florestal e à pressão de caça, o que contribui para sua redução populacional em algumas regiões. Possui dieta onívora com forte tendência frugívora, alimentando-se principalmente de frutos e sementes caídas no solo,

brotos e folhas jovens, flores, insetos e outros invertebrados e pequenos vertebrados ocasionalmente. Seu hábito de forragear no solo faz com que desempenhe um papel ecológico importante como dispersor de sementes, contribuindo para a regeneração das florestas.

Figura 9: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Amazona aestiva*



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- O *Amazona aestiva* é uma espécie nativa da América do Sul, com ampla distribuição no Brasil. Ocorre principalmente em: Cerrado, pantanal, caatinga, florestas estacionais semidecíduais, matas ciliares e áreas abertas com árvores esparsas. É uma espécie altamente adaptável, podendo ser encontrada também em áreas arborizadas, antropizadas e regiões próximas a zonas urbanas. Utiliza ocos de árvores para nidificação e costuma viver em casais ou bandos. Possui dieta frugívora-granívora, bastante variada. Na natureza, alimenta-se principalmente de: Frutos nativos, sementes, castanhas e nozes, flores e néctar, brotos e folhas jovens. Seu bico forte permite a manipulação e quebra de sementes

duras.

Figura 10: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Ara ararauna*



Fonte: Instagram do PEDI (<https://www.instagram.com/p/DUWaXrskYX8/>)

- A *Ara ararauna* é uma espécie nativa da América do Sul, com ampla distribuição no Brasil. Ocorre principalmente na: Amazônia, cerrado, pantanal, matas ciliares, áreas abertas com árvores de grande porte, bordas de florestas. Está frequentemente associada a ambientes próximos a rios e regiões com palmeiras, que fornecem alimento e locais adequados para nidificação. Utiliza ocos de árvores altas para reprodução e costuma viver em casais ou bandos, especialmente fora do período reprodutivo. Apresenta dieta frugívora-granívora, composta principalmente por; frutos nativos, sementes duras, castanhas, nozes, coquinhos de palmeiras (buriti, acuri, bocaiúva), brotos e flores. Seu bico robusto e curvo é adaptado para quebrar sementes resistentes.

Figura 11: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Asio clamator*



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- O *Asio clamator* é uma espécie amplamente distribuída na América Central e do Sul, ocorrendo em praticamente todo o Brasil. Habita principalmente: Campos abertos, cerrado, caatinga, áreas agrícolas, pastagens, bordas de florestas e matas ciliares. É uma ave altamente adaptável, tolerando ambientes alterados pelo ser humano. Durante o dia, costuma repousar em árvores, arbustos densos ou capões de vegetação, utilizando esses locais como abrigo. É uma ave carnívora, com dieta baseada principalmente em pequenos animais. Alimenta-se de pequenos mamíferos (roedores), aves de pequeno porte, répteis, anfíbios e grandes insetos. Possui hábitos predominantemente noturnos, caçando com o auxílio de visão aguçada e audição altamente desenvolvida.

Figura 12: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Guaruba guarouba*



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- A *Guaruba guarouba* é uma espécie endêmica do Brasil, com ocorrência restrita principalmente à Região Amazônica. Habita: Florestas tropicais úmidas de terra firme, florestas primárias e secundárias bem conservadas, áreas de várzea e bordas de floresta. É uma ave estritamente florestal, dependente de árvores de grande porte para alimentação, descanso e nidificação. Vive geralmente em bandos, o que é uma característica marcante da espécie, e utiliza ocos de árvores altas para reprodução. Apresenta dieta frugívora-granívora, composta principalmente por frutos nativos da floresta amazônica, sementes, castanhas, brotos e flores. Seu bico forte é adaptado para a manipulação de sementes e frutos duros. Na natureza, costuma se alimentar no dossel da floresta.

Figura 13: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Primolius auricollis*



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- O *Primolius auricollis* é uma espécie nativa da América do Sul, com ocorrência no Brasil, Paraguai, Bolívia e Argentina. No Brasil, é encontrada principalmente nas regiões: Centro-Oeste, Sudeste e parte do Norte. Habita preferencialmente Cerrado, florestas estacionais, matas ciliares, áreas abertas com árvores esparsas e bordas de florestas. É uma ave bem adaptável, podendo ocorrer em áreas modificadas pelo homem, desde que haja árvores para abrigo e alimentação. Utiliza ocos de árvores para nidificação e costuma viver em casais ou pequenos bandos. Apresenta dieta frugívora-granívora, composta principalmente por frutos nativos, sementes, castanhas e nozes, coquinhos de palmeiras brotos e flores. Seu bico forte permite a quebra de sementes duras. Na natureza, costuma forragear tanto no dossel quanto em áreas mais abertas.

Figura 14: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Geranoaetus melanoleucus*



Fonte: Arquivo Pessoal (2025)

- O *Geranoaetus melanoleucus* ocorre amplamente na América do Sul, incluindo grande parte do Brasil. Está associado principalmente a ambientes abertos e semiabertos, como; campos naturais, Cerrado, Pampas, áreas de pastagem, regiões montanhosas, planaltos e bordas de florestas. É frequentemente observado planando em áreas abertas, utilizando correntes térmicas, e pousando em postes, árvores altas ou rochedos. Apesar de preferir áreas abertas, pode ocupar regiões próximas a ambientes florestais para nidificação. É uma ave carnívora, com dieta baseada principalmente em; pequenos e médios mamíferos (roedores, lebres), aves, répteis, anfíbios e insetos de grande porte. Apresenta comportamento predador oportunista, caçando tanto a partir de voos planados quanto de poleiros elevados.

Figura 15: Observação e acompanhamento de exames preventivo em *Eupsittula cactorum*



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- O *Eupsittula cactorum* é uma espécie endêmica do Brasil, com ocorrência predominante no bioma Caatinga. Pode ser encontrada em: Caatinga arbustiva e arbórea, áreas semiáridas, bordas de matas secas, áreas abertas com cactáceas, regiões rurais e áreas antropizadas. É uma ave altamente adaptada a ambientes secos, tolerando longos períodos de estiagem. Costuma viver em bandos, utilizando ocos de árvores, cactos (como mandacaru) e estruturas naturais para nidificação. Apresenta dieta frugívora-granívora, adaptada à disponibilidade do semiárido. Alimenta-se principalmente de sementes, frutos da caatinga, flores, brotos, partes de cactáceas (flores e frutos de mandacaru e xique-xique). Essa dieta variada permite à espécie sobreviver em ambientes com recursos sazonais escassos.

A coleta de sangue e penas em aves no PEDI é uma prática fundamental para o monitoramento da saúde individual e coletiva do plantel, além de contribuir para a prevenção de doenças, bem-estar animal e conservação das espécies. A avaliação hematoçogica permite uma avaliação clínica detalhada, muitas vezes antes do aparecimento de sinais clínicos visíveis, já que as aves tendem a mascarar doenças. Por meio do hemograma e dos exames bioquímicos, é possível identificar processos infecciosos,

inflamatórios, parasitários, distúrbios metabólicos e nutricionais, além de acompanhar a resposta a tratamentos e garantir maior segurança em procedimentos anestésicos e cirúrgicos. Quando realizada em várias aves, a coleta possibilita uma avaliação populacional, detectando padrões de adoecimento, surtos subclínicos e problemas de manejo. A coleta de penas complementa essas informações e apresenta vantagens importantes por ser minimamente invasiva. As penas podem ser utilizadas para a pesquisa de ectoparasitas (como ácaros e piolhos), identificação de fungos e bactérias, além de análises toxicológicas e genéticas. Também permitem avaliar a qualidade da plumagem, que reflete diretamente o estado nutricional, hormonal e sanitário das aves. Em estudos populacionais, a coleta de penas contribui para o monitoramento de diversidade genética, identificação individual e apoio a programas de conservação.

Uma das atividades desenvolvidas pelo PEDI e que visa contribuir com a conservação é a visita guiada para alunos de escola e faculdades, entre eles alunos da UFRPE da disciplina de bem estar animal. Durante a visita explicamos sobre hábitos alimentares, reprodutivos e de convivência. Esclarecemos dúvidas sobre a fisiologia e a saúde de cada animal para que todos tenham uma ótima qualidade de vida.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência com aves silvestres durante o estágio no PEDI mostrou-se extremamente enriquecedora para a formação acadêmica e profissional e pessoal do curso de Medicina Veterinária. O contato direto com diferentes espécies permitiu a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso, especialmente nas áreas de anatomia, fisiologia, nutrição, manejo aplicada à medicina de animais silvestres.

As atividades desenvolvidas contribuíram para o aprimoramento das habilidades de clínica médica, identificação de comportamentos naturais e reconhecimento precoce de sinais de estresse ou enfermidades e aspectos

fundamentais para a promoção do bem-estar animal. Além disso, a participação em: Enriquecimento ambiental e contenção das aves proporcionou uma compreensão mais ampla das necessidades específicas desses animais em ambiente ex situ.

Outro ponto positivo foi o trabalho multidisciplinar, possibilitando a troca de conhecimentos com médicos-veterinários, biólogos, zootecnistas, bioteristas e tratadores, o que reforçou a importância da atuação integrada na conservação e manutenção da saúde das aves silvestres, répteis e mamíferos presentes no PEDI. Essa experiência também despertou maior sensibilidade quanto ao papel dos zoológicos na educação ambiental, conservação de espécies e reabilitação da fauna.

Dessa forma, a experiência com os animais não apenas contribuiu para o crescimento técnico do estagiário, mas também fortaleceu o senso de responsabilidade ética e profissional, sendo um passo fundamental para a futura atuação na área de Medicina Veterinária de animais silvestres.

3. RELATO DE CASO

Prevalência de ácaros em aves silvestre no PEDI, Recife - PE (Parque Estadual Dois Irmãos)

Resumo

O Brasil apresenta elevada diversidade de aves e um clima tropical, o que favorece a ocorrência de uma ampla variedade de ectoparasitas associados a esses hospedeiros. Em ambientes de cativeiro, como zoológicos, fatores relacionados ao manejo e à interação com animais de vida livre podem influenciar a dinâmica parasitária. O presente estudo teve como objetivo identificar a presença de ácaros de penas em aves silvestres mantidas em exposição no Parque Estadual Dois Irmãos (PEDI), Recife-PE. A pesquisa caracterizou-se como um estudo quantitativo descritivo, baseado na determinação da presença ou ausência de ácaros em amostras de penas. As coletas foram realizadas durante procedimentos de rotina, respeitando a legislação vigente e os princípios de bem-estar animal. Foram analisadas

amostras de penas de diferentes espécies e grupos taxonômicos. Os resultados demonstraram variação na presença de ácaros entre indivíduos da mesma espécie e entre aves alojadas no mesmo recinto, evidenciando que a infestação não ocorre de forma homogênea. A presença de ácaros foi observada em representantes dos grupos Psittacidae, Cracidae, Strigiformes e Falconiformes. Conclui-se que a metodologia empregada é adequada como ferramenta de triagem parasitológica e pode contribuir para o monitoramento sanitário e o manejo de aves silvestres em cativeiro, reforçando a importância do acompanhamento periódico para a promoção da saúde e do bem-estar animal.

Palavras-chave: aves silvestres; ectoparasitas; ácaros de penas; zoológico; manejo sanitário.

Abstract

Brazil has a high diversity of birds and a tropical climate, which favors the occurrence of a wide variety of ectoparasites associated with these hosts. In captive environments, such as zoos, factors related to management and interaction with wild animals can influence parasitic dynamics. This study aimed to identify the presence of feather mites in wild birds kept on display at the Dois Irmãos State Park (PEDI), Recife-PE. The research was characterized as a descriptive quantitative study, based on determining the presence or absence of mites in feather samples. Collections were carried out during routine procedures, respecting current legislation and animal welfare principles. Feather samples from different species and taxonomic groups were analyzed. The results showed variation in the presence of mites among individuals of the same species and among birds housed in the same enclosure, evidencing that infestation does not occur homogeneously. The presence of mites was observed in representatives of the Psittacidae, Cracidae, Strigiformes, and Falconiformes groups. It is concluded that the methodology employed is adequate as a parasitological screening tool and can contribute to the sanitary monitoring and management of wild birds in

captivity, reinforcing the importance of periodic monitoring for the promotion of animal health and welfare.

Keywords: wild birds; ectoparasites; feather mites; zoo; sanitary management.

1. Introdução

A 9ª edição do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO), publicada em 2010, apresenta uma lista com mais de 1.800 espécies de aves (FERREIRA, 2010). Considerando essa elevada diversidade de espécies, aliada às condições de clima tropical favoráveis ao desenvolvimento de ectoparasitas, é esperado que essas aves apresentem, em alguns casos, a presença de ectoparasitas específicos para determinadas espécies, bem como infestações múltiplas simultâneas (ARZUA, 2010).

Considerando a elevada diversidade de aves no Brasil, o Parque Estadual Dois Irmãos (PEDI), localizado em área de Mata Atlântica no município de Recife–PE, abriga parte dessas espécies em regime de exposição ao público, além de aves de vida livre que circulam no local, geralmente de menor porte em relação às mantidas em cativeiro. Essa diferença de tamanho favorece a ocorrência de interações entre as espécies. Adicionalmente, pequenos mamíferos, como *Callithrix jacchus* (sagui-de-tufo-branco), que conseguem transpor às telas de proteção, também interagem com as aves. Tais interações podem facilitar a transmissão de agentes patogênicos e dificultar o controle sanitário no ambiente.

Aves de mata atlântica já foram identificadas com infestações de ectoparasitas (LUGARINI et al., 2015) evidenciando que as aves ex-situ ao entrar em contato com outras aves ou pequenos mamíferos, podem estar se contaminando. Uma das formas de controle biológico e prevenção, é evitar o contato com animais parasitados, levando-se em conta a facilidade de transmissão desses ectoparasitas. (MONTEIRO, 2017)

Apesar de as aves possuírem diversos mecanismos de defesa contra ectoparasitas, como a muda da plumagem, a ação do óleo da glândula uropigial, que pode reduzir a mobilidade dos parasitas sobre as penas e a pele,

a limpeza das penas e o próprio sistema imunológico, quando ocorre uma infestação intensa ou uma depressão do sistema imunológico, podem surgir sinais clínicos clássicos. Entre os principais sinais observados estão a queda de penas, coceira excessiva, aumento da frequência de limpeza da plumagem, alterações estruturais das penas, anemia com mucosas pálidas e diminuição do apetite, entre outros (BENTO, 2017).

Este relato de caso teve como objetivo identificar a presença de ácaros em aves silvestres de exposição no PEDI Recife-PE.

2. Materiais e método

Todas as aves selecionadas para a coleta de penas já se encontravam sob contenção física para a realização de procedimentos clínicos e exames de rotina, evitando, dessa forma, o aumento do número de manejos e a indução de estresse adicional aos animais.

A coleta foi conduzida em conformidade com a legislação vigente aplicada à fauna silvestre, não comprometendo a integridade física, o bem-estar nem a capacidade de voo das aves. Todos os procedimentos foram executados por profissionais devidamente capacitados como tratadores e médicos-veterinários do PEDI.

Todas as coletas e demais procedimentos foram previamente autorizados pela gestão do PEDI. Ressalta-se que a presente atividade não demandou autorização do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO), conforme estabelecido na Portaria ICMBio nº 748/2022, Art. 22.

2.1 Materiais utilizados.

- Luvas descartáveis (para evitar contaminação);
- Potes de coletas de fezes (acondicionar as penas);
- Etiquetas marcadoras e caneta permanente; (identificação da espécie, data e local da coleta);
- Caixas para transporte seguro; (transporte dos materiais e das amostras);
- Álcool 70% para assepsia de instrumentos;
- Formulários de coleta/metadados para registro (espécie, data, local, sexo, etc.);

- EPI completo (máscara facial);
- Área de trabalho limpa e higienizada;
- Desinfetante (para superfície de trabalho).

2.2 Metodologia.

O manuseio da ave foi realizado com cuidado para minimizar o estresse. Foi feito por profissional capacitado, sempre buscando reduzir sofrimento e risco de lesão. A região do corpo da ave coletada foram penas do peito, penas menores ou médias que não comprometam o voo.

O estudo realizado trata-se de um estudo **quantitativo descritivo**, baseado na determinação da presença ou ausência de ácaros em amostras de penas. As variáveis analisadas foram categóricas dicotômicas (presença/ausência)(TEXEIRA, 2012).

3. Resultados e discussão.

Foram analisadas amostras de penas de aves silvestres mantidas PEDI, abrangendo diferentes espécies, grupos taxonômicos e recintos. A triagem teve como objetivo identificar a presença ou ausência de ácaros de penas, utilizando uma abordagem quantitativa descritiva, com variável categórica dicotômica (positivo/negativo). Conforme tabela 2

Tabela 2: Presença ou ausência de ácaros em aves silvestres

ANIMAL	RECINTO	Nº INDIVÍDUOS	RESULTADO	GRUPO
	A3	3	POSITIVO	CRACÍDEO
	A6	2	POSITIVO	CRACÍDEO
	A10	3	NEGATIVO	PSITACÍDEO
	A10	3	NEGATIVO	PSITACÍDEO
	AM6	1	POSITIVO	PSITACÍDEO

A1	5	POSITIVO	PSITACÍDEO
INT 18	1	POSITIVO	PSITACÍDEO
INT 19 e 20	1	POSITIVO	PSITACÍDEO
INT 19 e 21	1	POSITIVO	PSITACÍDEO
INT 19 e 20	1	POSITIVO	PSITACÍDEO
BA9	1	POSITIVO	STRIGIFORME
BA9	1	NEGATIVO	STRIGIFORME
A7	1	POSITIVO	FALCONIFORME
A4	3	POSITIVO	PSITACÍDEO
AM4	1	POSITIVO	PSITACÍDEO
A3	1	NEGATIVO	CRACÍDEO
SETOR EXTRA	1	NEGATIVO	FALCONIFORME
INT 14	3	POSITIVO	PSITACÍDEO
INT 14	3	POSITIVO	PSITACÍDEO
INT 14	3	POSITIVO	PSITACÍDEO
AM3	3	POSITIVO	CRACÍDEO

Fonte: Dados cedidos pela veterinária Mariana Leão (2025)

Os resultados obtidos demonstraram variação na presença e ausência de ácaros entre os indivíduos analisados, mesmo quando pertencentes à mesma espécie e mantidos no mesmo recinto. Observou-se que:

Algumas espécies apresentaram presença de ácaros em pelo menos um indivíduo, indicando possível colonização ativa. (O presente estudo não tem como objetivo definir se está ocorrendo colonização ativa ou infestação) ou contato prévio com fontes de infestação. Para Santos, P. M. de S. et al.. (2015) os ectoparasitas podem atuar como oportunistas ou agentes primários de doenças, a caracterização de uma possível infestação pode sugerir uma

depressão do sistema imunológico das aves. Ainda sobre o contato prévio com possíveis reservatórios e transmissores de ectoparasitas.

Para De Oliveira (2017) o contato com aves externas ao ambiente, assim como a presença de roedores, caracteriza um alto fator de risco para galinhas poedeiras, uma vez que estas aves estão em cativeiro assim como as aves silvestre é possível extrapolar os mesmos fatores. A tempo lembramos que durante a observação foi possível visualizar a presença de roedores e aves de vida livre dentro dos recintos.

Outros indivíduos da mesma espécie apresentaram resultado negativo, sugerindo que a infestação não ocorre de forma homogênea e que os possíveis fatores de risco como a presença de parasitas, deficiência nutricional e depressão do sistema imunológico precisam ser melhor estudados.

Observou-se a presença de ácaros em diversas espécies quando divididas em grupos taxonômicos, incluindo representantes dos grupos Psittacidae, Cracidae, Strigiformes e Falconiformes. A ocorrência não foi homogênea entre indivíduos da mesma espécie nem entre aves alojadas no mesmo recinto. Como visto na tabela 3.

Tabela 3: Resultado da triagem por grupo taxonômico

Grupo	Positivo	Negativo
Psitacídeos	Predominante	Raro
Cracídeos	Presente	Presente
Strigiformes	Presente	Presente
Falconiformes	Presente	Presente

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

A presença de ácaros de penas em aves silvestres mantidas em cativeiro é um achado esperado, considerando que muitos desses

ectoparasitos são comensais naturais das aves e podem coexistir sem causar sinais clínicos aparentes. No entanto, condições de cativeiro, como estresse, densidade populacional, alterações ambientais e manejo sanitário, podem favorecer o aumento da carga parasitária.

A variabilidade dos resultados entre indivíduos da mesma espécie, inclusive quando alojados no mesmo recinto, sugere que fatores individuais, como idade, estado imunológico, comportamento de higiene e histórico sanitário, exercem influência significativa na ocorrência de ácaros. Esse padrão também foi observado em estudos parasitológicos com aves silvestres, nos quais a infestação não se distribui de forma uniforme entre os indivíduos. (BENTO, 2017)

A ausência de ácaros em determinadas amostras pode estar relacionada a baixa carga parasitária, limitações do método de triagem, escolha da pena coletada ou procedimentos prévios de manejo sanitário. Assim, resultados negativos não excluem completamente a possibilidade de infestação, especialmente em estudos de triagem.

Do ponto de vista do manejo em parques e zoológicos, a avaliação baseada em presença ou ausência constitui uma ferramenta eficiente para monitoramento sanitário, permitindo a identificação precoce de indivíduos que demandem acompanhamento mais detalhado. Embora muitos ácaros de penas não sejam patogênicos, infestações intensas podem comprometer a integridade das penas, o bem-estar animal e o sucesso reprodutivo, especialmente em ambientes de cativeiro.

4. Conclusão

A triagem de ácaros de penas realizada em aves silvestres mantidas no PEDI permitiu identificar a ocorrência desses ectoparasitos em diferentes espécies e grupos taxonômicos, evidenciando que a presença de ácaros não se distribui de forma homogênea entre os indivíduos avaliados. A variabilidade observada, inclusive entre aves da mesma espécie e alojadas no mesmo recinto, indica que fatores individuais, como estado fisiológico, comportamento

de preening 'autolimpeza' e histórico sanitário, exercem influência significativa na ocorrência parasitária.

Os resultados demonstraram que a metodologia empregada, baseada na determinação da presença ou ausência de ácaros em amostras de penas, mostrou-se adequada como ferramenta de triagem parasitológica, contribuindo para o monitoramento sanitário e para a tomada de decisões no manejo de aves em cativeiro. Embora muitos ácaros de penas sejam considerados comensais, sua presença é relevante do ponto de vista do bem-estar animal, uma vez que infestações intensas podem comprometer a integridade das penas e a condição geral das aves.

Dessa forma, recomenda-se a continuidade do monitoramento parasitológico periódico, associando a triagem inicial a análises mais detalhadas, como identificação taxonômica dos ácaros e avaliação da intensidade de infestação. A adoção dessas medidas pode contribuir para a melhoria das práticas de manejo, prevenção de desequilíbrios parasitários e promoção da saúde e bem-estar das aves silvestres mantidas em zoológicos.

A abordagem terapêutica baseia-se, principalmente, na utilização de fármacos antiparasitários de amplo espectro, como a Ivermectina e a Selamectina, que apresentam eficácia comprovada no controle de diferentes espécies de ácaros. Esses medicamentos podem ser administrados por via tópica ou sistêmica, devendo-se respeitar rigorosamente a posologia e a frequência de aplicação, as quais variam conforme a espécie e o peso do animal, a fim de evitar efeitos adversos. Em muitos casos, recomenda-se a repetição do tratamento em intervalos específicos, geralmente entre 7 e 14 dias, para interromper o ciclo biológico do parasita (CARPENTER, 2013).

Paralelamente ao tratamento farmacológico, o controle ambiental constitui etapa fundamental para o sucesso terapêutico e a prevenção de reinfestações. Medidas como a higienização frequente de viveiros, poleiros e comedouros, a substituição de substratos e ninhos contaminados, bem como o controle da umidade, são essenciais para reduzir a carga parasitária no ambiente. Adicionalmente, recomenda-se o isolamento temporário dos

indivíduos acometidos, com o objetivo de minimizar a transmissão entre aves.

5. Referências

ARZUA, Márcia; VALIM, Michel P. Bases para o estudo qualitativo e quantitativo de ectoparasitos em aves. **Matter SV, Piacentini VQ, Straube FC, Cândido JF Jr, Accordi IA. Ornitologia e conservação: ciência aplicada, técnicas de pesquisa e levantamento.** Rio de Janeiro: Technical Books, p. 347-366, 2010.

BRASIL. ICMBIO. **Normatiza o uso e a gestão do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - Sisbio, na forma das diretrizes e condições previstas nesta Portaria**, Portaria Icmbio Nº 748, De 19 De Setembro De 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-icmbio-n-748-de-19-de-setembro-de-2022-431180749>. Acesso em: 04 de janeiro de 2026.

CARPENTER, J. W. *Exotic Animal Formulary*. 4. ed. St. Louis: Elsevier Saunders, 2013.

DA COSTA BENTO, Sara Raquel. **Rastreo de Ectoparasitas associados a aves exóticas do Jardim Zoológico de Lisboa**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal). Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/ed154407aaab52ee529f46f526226035/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 07 de janeiro de 2026

DE OLIVEIRA, Tiago Mendonça. Caracterização epidemiológica e avaliação de risco associada a presença de ectoparasitos em granjas de postura comercial em Minas Gerais. 2017.

FERREIRA, Guilherme. Listas das aves do Brasil. 2011. disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32576510/avesbrasil_out2010-libre.pdf?1391133951=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DLISTAS_DAS_AVES_DO_BRASIL.pdf&Expires=1767471546&Signature=M9kcTVGYZsf4Hi5kWMĒsZsRQrSfSczUsfRBuipOgvgP5rNCfe1kjjyUjxpMS5YnwZj3Q9tx5R6MMMhnnH5oo4jc3tnLhRw6gXYmVCQZNgxUA2ZaPHwythHGKySp-lv~VgGgjJYdjWvGAnP~QsgTZd739orDjU7J31qN2esdp9Nd9GC5lcq8zBIIDpyKkl0GYPGujbOwmepK7vxDcuXHtVL9YqGxza0mbaXcb3Wm4lZmJDR8WMc-5-NmMxOa3bgsvLsUsrjSvFFz~W-kzgNDiy7Ea5NkLHcZzFC1gCCH9VOb0UPCv5y17uqsZblyNW7l-xqf4WIZu54YgfHuAKXayW1g__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA
Acesso em: 03 de Janeiro de 2026.

LUGARINI, C., et al. Rickettsial agentes in avian ixodid ticks in northeast Brazil. *Ticks Tickborne diseases*, 2015.

MONTEIRO, S. G. Parasitologia na Medicina Veterinária. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocca, 2017. 351 p.

SANTOS, P. M. DE S. et al.. Parasitos de aves e mamíferos silvestres em cativeiro no estado de Pernambuco. Pesquisa Veterinária Brasileira, v. 35, n. 9, p. 788–794, set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pvb/a/MMF9y9gVYBKMMZVJK3PR7Zy/?lang=pt>. Acesso em: 07 de janeiro de 2026.

TEIXEIRA, Elizabeth. As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 9ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012. 203 p.